

ACAJÁ

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

O progresso da intelligencia é infallivel
havendo liberdade de fallar, escrever
e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno I

Segunda-feira 15 de Abril de 1861.

N. II

D. F. CALABAR.

A' J. P. Leitão Junior.

Foste guerreiro astuto em liso campo,
Como o bravo gentio enfiado,
Nos escarpas da serra !
Da liberdade ao sol enrubeado
Enchugaste de escravo a humida face
Nas montanhas da guerra.

D. DO NASCIMENTO. (CALABAR.)

I.

A geração actual procura debalde distinguir os monumentos que a patria devia ter erguido, em honra propria, áquelles de seus mais distinctos e benemeritos filhos que por ella sacrificaram-se e padecerão, ou gloriosamente revestirão-se dos louros que obtiverão por seus feitos o que com elles cingidos baixarão ao tumulo.

Nada absolutamente se observa a respeito ! Caldas, Gama, Amador, Camarão, Vidal, Dias, Silva Xavier, José Bonifacio e outros muitos, dormem socegados em seus sepulchros e a indifferença publica tambem se tem entregado a um profundo lethargo !

E se fosse só isso, não nos agastariamos em excesso ; contentavamo-nos em despertar o povo sempre e sempre, e impellil-o a solver essas tão sagradas dividas ; mas, o que em extremo nos magôa, é o apercebermos o pouco ou nenhum caso que se dispensa ao que é nosso e a sollicitude e desvellos com que se coadjuvão idéas extranhas e emprehensões igualmente não nacionaes !

Mesmo quando se tenta salvar do esquecimento um ou outro vulto nelle submergido, semelhante tentativa obtem o desdem publico, ou então seus emprehendedores se desgostão pelos embaraços que adrede lhe são antepostos e pela falta de coadjuvação para effectual-a, quando com heroica resignação conseguem vencer esses

empecilhos. N'um e n'outro caso a perda é para o paiz e o epitheto de ingratos, para seus filhos ! Os poderes superiores, não se incommodão com tão pequeninas cousas ; elles nada têm com os compromissos nacionaes ! As homenagens devidas aos nossos immortaes antepassados, são tributadas reverenciosamente aos agentes diplomaticos das nações que de dia em dia nos offendem !

As classes nobilitarias, igualmente não pôdem tratar de tão mesquinhas intenções ! Só o povo que com todos os vexames e onus se acha sobrecarregado, é que deve tentar e executar aquillo que, honrando á todos, por todos devia ser realzado !

Mas, infelizmente, o nosso povo ignora (salvas limitadas excepções) os nomes e os feitos dos seus mais distinctos e illustres antecessores ! Continua pois o marmore a ornar os tumulos e os jardins, o bronze a conservar-se em olvido, e as nossas praças e largos a permanecerem despidas de estatuas e de inscripções, de bellezas e de renomes, de glorias e de importancia !

Semelhante marasmo, inebria o pondonor nacional ; nelle não devemos persistir !

E, enquanto essa regeneração de idéas e costumes se não opêra, perscrutemos as tenues paginas da nossa historia, e com a penna tratemos de avivar a memoria dos contemporaneos para o nome e os feitos de um nosso patricio que se tornou notavel no seculo XVII.

II.

Exceptuando o curto espaço que medeia do brado solto no Ypiranga ao acto festivo da maioridade do actual imperante, não pôde ser contestado que ao seculo XVII compete a classificação de primeiro, em feitos bellicos, na historia do Brasil. Diversas forão as lutas com os indios, francezes, inglezes e hollandezes ; mas qual dellas pôde se equiparar as que tiverão lugar nesse seculo com estes ultimos ?

Nenhuma ; porque das expedições estrangeiras que procurarão adquirir o Brasil, todas as ou-

tras foram facilmente destruídas; só a expedição batava obteve maior ou menor gráo de falibilidade.

A historia nos assigna a o menosprezo que a metropole dispensava á colonia americana que tão sómente vivia com os seus recursos e os da resumida população que tinha. N'um semelhante estado, nada mais facil do que os desejos póstos em pratica pela França, Inglaterra e Hollanda; desejos que sempre foram frustrados.

A occupação do Recife pelas tropas batavas, demonstra claramente o pouco caso em que a mãe patria tinha a fertil e extensissima possessão americana. Esta, sem pessoal marítimo e terrestre, sem fortificações e mais que tudo, sem os elementos indispensaveis ás lutas bellicas, só possuia um recurso ás invasões estrangeiras e ás dos indios mais ferozes; esse recurso consistia no limitado numero de braves que nella habitavão e na alliança que tinhão feito com diversas tribus indigenas.

Erão muito inferiores em numero; mas em coragem e valor guerreiro, erão superiores ás aguerridas hostes europeas.

Os hollandezes foram forçados a abandonarem todas as posições que havião conquistado e a retirar-se por uma vez das plagas brasílicas; semelhantes successos que tanto ennobrece o Brasil colonia, foram devidos aos heroicos feitos de uma pequena fracção de combatentes, fracção que constava de Vieira, Vidal, Camarão, Dias, Rabello, Moreno, Albuquerque e poucos mais defensores da metropole.

Porém, nem sempre a victoria esteve do lado dos sustentadores das quinas; estes tiveram um periodo não curto em que as derrotas succedião-se umas ás outras, em que as tropas lusas perderão as suas melhores posições, e em que as suas mais valiosas praças e os seus mais fortes baluartes, foram presas dos hollandezes, que conseguirão apoderarem-se do Recife e todas as suas immediações, e do Rio Grande do Norte, Alagoas e Parahyba!

Como conseguirão os hollandezes tantos triumphos, quando seus inimigos até então tinhão sido os vencedores?

Terião os lusos sido dessiminados de tal fórma que não podião continuar a anteporem-se as cohortes batavas, ou estas tinhão recebido illimitados reforços pessoas e materiaes, e com elles tornavão-se invenciveis?

Nem uma, nem outra cousa, contribuiu para o toldamento dos feitos lusos; a causa principal e unica é a que passamos a desenvolver.

III.

Os hollandezes sustentados por uma respeitavel esquadra e por um numeroso pessoal de desembarque, tomarão com summa facilidade as

fortificações que guardavão pelo lado do mar, a capitania de Pernambuco. O terror inentido nos habitantes pelos preparativos dos invasores, fez com que fugissem para o interior, deixando o Recife e suas immediações entregues ao maior abandono.

Vencido o torpor em que tinhão cahido, os lusitanos tratarão de impedir que os seus contrarios conquistassem toda a capitania, e para esse fim entrincheirarão-se no arraial do Bom Jesus; e, como fossem bem exiguos os recursos de que dispunhão, reconhecerão que só a posição defensiva podião tomar, porque o assalto ás posições hollandezas, seria a exterminação do troço de braves que sustentavão os direitos adquiridos pela lusitania.

A defensiva, porém, não impedía aos lusos de fazerem continuadas sortidas aos acampamentos contrarios, sortidas que produzirão immensas vantagens.

Outro tanto não succedia aos hollandezes, que com graves perdas recolhião-se aos acampamentos quando tentavão alguma escaramuça contra os contrarios.

A razão desses resultados beneficos para o menor numero e inefficazes para o maior, é facil de explicar-se. Os hollandezes ignoravão completamente o interior da capitania, e por maiores que fossem as tentativas que empregassem para nelle penetrar, todas ellas tornar-se-hião impofficuas pela falta de dados locais; o mesmo, porém, não acontecia aos portuguezes, que pelo longo tempo que nella persistião e pelas allianças effectuadas com as tribus indigenas mais catechizadas, senhores se achavão de todas as ramificações, desvios e atalhos, e assim por meio das emboscadas aniquilavão os desejos do inimigo.

Palpavel pois se acha o motivo pelo qual a sorte das armas inclinava-se de continuo para os lusitanos, e por essa fórma os soldados de *Van-Schopp* circumcrevião-se no Recife.

A estes só faltava quem os guiasse além do arraial do Bom Jesus. Esse guia surgiu, e como o anjo do extermínio, desolava as posições, os fortes e os guerreiros que pouco antes o tinhão como uma estrella tutellar!

Calabar foi a estrella que os lusos perderão e que os batavos adquirirão.

F. T. LEITÃO.

(Continúa.)



LYRIOS E ROSAS.

II

CONFISSÃO.

§

Amo-te, Emilia.

Meu amor é puro, como é puro nos prados o aroma embalsamado das açucenas; meu amor é candido, como é candida a gota de orvalho que, desprendendo-se do céu, vai se esconder no calice da mimosa bonita.... E eu dou-te esse amor, deposito-o a teus pés, porque tu és a prenda mais querida, a imagem mais santa dos meus sonhos de dezeseite annos; porque tu és a visão, a unica que apparece nas minhas horas de tristeza, derramando-me na alma torrentes de poesia.

§

E forão estas as palavras que te dirigi de joelhos, em uma noite em que tu, repousada na relva, contemplavas as estrellas brilhantes do céu, e a lua, virgem melancolica, que vagava á tôa pelas solidões do espaço.... Lembras-te?

§

E tu nem me deste um olhar, um só que estancasse o pranto que corria pelas minhas faces, nem uma palavra que alentasse as flores do meu pobre coração!....

Mas um momento depois, deixaste pender a tua fronte; um sorriso melancolico errou pelos teus labios, e duas lagrimas, duas perolas, desprendêrão-se dos teus ciliós, e vierão rolar sobre as minhas faces ainda humidas de pranto....

§

Então eu vi que choravas, e essas lagrimas erão o perdão que me pedias....

E tu me confessaste o teu amor; e esse amor que tambem por mim sentias, era tão puro e tão santo como o meu!

§

E é este o segundo episodio de nossos amores, é este o segundo poema que soletrámos juntos, sem testemunhas, á claridade da lua, que, qual virgem melancolica, vagava á tôa pelas solidões do espaço! Lembras-te, Emilia?

A. AZAMBUJA.



Consequencias de um casamento infeliz.

(Original Brasileiro, por E. B.)

II

Um vulto de homem embaçado em um amplo sobretudo, sahio do caramanchão, e dirigindo-se para a janella allumiada, bateo discretamente nella. De subito a janella abrio-se, e de um pulo o individuo achou-se dentro do quarto.

« Laura, disse elle, levando aos labios a mão que a moça lhe abandonou, minha Laura querida, até que enfim me concedeste esta entrevista, que ha tanto tempo te hei pedido! Sem piedade tens zombado do meu amor! Vês como estou desfigurado? como o soffrimento tem abutido minhas feições, outr'ora tão louças? Meus companheiros de folguedos me desconhecem, fujo delles, evito as sociedades, porque só respiro, só encontro ventura onde tu estás! Ha seis mezes que esta paixão louca faz o flagello de minha existencia; ha seis mezes que adias para o dia seguinte o que só hoje me concedes, e se não fossem minhas repetidas instancias, ainda hoje seria illudido! Tu não me amas, Laura; oh! o amor verdadeiro e ardente, não tem trengas; o amor, este sentimento sobrenatural, e que é o alimento de nossa alma, a vida da nossa vida, tem sido mil vezes definido, porém ainda niuguem o definiu tal qual elle é, tal qual eu o sinto! Eu te amo mais, Laura, do que a minha mãe, que me acallentou na infancia, que curou, com desvellada ternura, dos meus primeiros annos, que ainda hoje chora quando me vê soffrer. Nada, neste mundo, recompensa o amor de uma mãe; e eu te amo mais do que á minha.»

A pessoa que assim fallava, era um moço alto e esbelto, de corpo proporcional, moreno, de cabellos e olhos negros; poderia ter, ao muito, 27 annos; seu resto varonil era ornado por uma barba espessa e tambem negra; sua bocca sombreada por um lindo bigode, deixava perceber o rosado dos labios, e a alvura dos dentes; era um perfeito cavalheiro. Notava-se, com effeito, um certo abatimento em suas feições, e signaes de muitas noites de insomnia.

« Ernesto, replicou Laura, é verdade que ha seis mezes, me dec'araste teu amor. Ha seis mezes, tinha eu ido com minha familia á casa da baroneza de O., e pela primeira vez nos fallámos, não obstante nos havermos encontrado antes, diversas vezes em passeio, o que eu attribuia ao acaso; e então me certificaste que muito de proposito me seguias. Quando me expuzeste toda a força da tua paixão, o que foi que te respondi? »

« Sim, Laura, disseste me que o amor era um

sentimento morto para ti, que jamais poderias amar; mas eu te implorei que me tornasses feliz, que era necessario que me amasses, que eu seria a tua sombra; e tu te condoeste de mim, e me respondeste com essa phrase cheia de mil promessas: — Póde ser. — E desde então me tens sempre concedido, ora um sorriso, ora um olhar, bem que nelles eu leia um mysterio de tristeza no teu passado.... Depois, prometteste-me uma entrevista, e de nella me contar que motivo poderoso tão cedo soprou em teu porvir esse véo de inalteravel melancolia divina que se divisa em teu formoso semblante, e que te torna tão interessante! e sabes, Laura, qual a razão por que te amo como um louco? é por essa mesma tua melancolia! Não te posso descrever a sensação dolorosa, e ao mesmo tempo aprazível, que sinto todas as vezes que me é dado ver-te, encontrar em teu rosto essa severidade affavel, em teu sorriso essa expressão de amargura indefinivel, que me culeva!.... Abre-me os mysterios de teu coração, minha Laura? talvez te falte um confidente dedicado e amigo; eis-me a teus pés.... Queres um defensor? um braço firme e sincero? manda, eu te obedecerei,...

E o rosto do mancebo exprimia todo o fogo de uma paixão ardente, sua voz firme e harmoniosa, a custo era reprimida por Laura, que brandamente lhe pousando sua delicada mão nos labios, procurava moderar sua crescente exaltação.

Entretanto, Laura, que desde o principio se havia sentado em uma das cadeiras, enquanto Ernesto se conservava a seus pés, o ouvia sem interrompê-lo. Sómente os traços regulares de seu rosto, visivelmente contrahidos, denunciavam a dolorosa emoção em que se achava envolta sua alma.

Ernesto por fim calou-se, e ficou na posição de um criminoso que implora o perdão a seu algoz, e um morno silencio succedeo á sua exaltação.

(Continúa.)

PENSAMENTOS.

§

A esperança é um sonho de um homem acordado.

ARISTOTELES.

§

Os labios mentem,
Os olhos não.

BOCAGE.

§

A palavra do homem honrado, vale mais que a escriptura do perverso.

LA ROCHEFOUCAULD.

POESIAS.

SAUDADE.

Era ainda uma criança!
Tinha nos labios carmincos
Um innocente sorriso
Como o dos anjos do céo.
Seus olhos pretos e tristes
Tinham nos doces olhares
Um langor como o da lua
Quando vagueia sem véo.

O seu corpo — aereo, leve,
Era como o de uma fada!
Pallida flôr — ai! tão branca!
Vivia nas faces della.
O seu canto parecia
Voz de uma harpa solitaria!
Era tão linda! tão linda!...
Era tão bella! tão bella!...

Era um anjo. Um dia apenas
Viveo no mundo. Sua alma,
Como a flôr que abre o seu calix
A' meia-noite — vivia.
Era a visão encantada
Dos meus sonhos de poeta!
Era um anjo dormitando
N'um berço — todo harmonia!

Amei-a muito. Minha alma
Emballou-a nos seus cantos.
Via em seus olhos um raio
De sublime languidez.
Amei-a —, mas só Deos sabe
Quanto esse amor era grande.
Como eu amei essa virgem,
Só póde amar-se uma vez.

E, que viver venturoso
Que o nosso amor promettia!...
Que de visões encantadas
A' mente vinham fagueiras!...
Ao lado d'ella esta vida
Se deslisava serena;
O nosso amor era puro!
As horas — iam ligeiras.

Depois a morte apertou-a
Nos seus braços descarnados;
Deu-lhe um beijo —, e a face d'ella
Ficou mais pallida ainda.
Morreo.... A flôr das campinas
Pendera ao beijo de um Euro;
Minha illusão amorosa
Morreu — já era finda!

Agora guardo no peito
 Uma saudosa lembrança
 D'aquella virgem querida
 Que quando amava — morreo !
 E' uma flôr triste e bella
 Rôxa — como a dôr que soffro ;
 E' uma triste saudade
 Que no meu peito nasceo.

Rio de Janeiro, 23 de Março de 1861.

CAJA'.

~~~~~

## NÃO CRIMINES.

A' M....

Laisse-toi donc aimer—oh! l'amour c'est la vie.

VICTOR HUGO.

Quando ouvires os sons tristes  
 Que desfiro em minha lyra,  
 Não crimines, tem piedade ;  
 Sou forçado á sorte dira.

Foi por ti, por ti sómente  
 Que minh'alma se enlutou;  
 Não quizeste alegres cantos,  
 Agora tristes te dou.

.....

Na mente seccou-me o estro,  
 — Já não tenho inspiração ;  
 A morte me invade o peito,  
 — Já não pulsa o coração.

Da campã já toco as bordas,  
 O empyreo já diviso;  
 Mais uma vez de teus labios,  
 Eu imploro um só sorriso.

Um sorriso — não crimines —  
 Ao tão triste que t'ô implora ;  
 Não lhe recuses, oh ! virgem,  
 Não reparas que elle chora ?

.....

Quando ouvires os sons tristes  
 Que desfiro em minha lyra,  
 Não crimines, tem piedade ;  
 Sou forçado á sorte dira.

SILVIO RANGEL.

## UM DESEJO.

Quizera ser um anjo lá do empyreo,  
 Ser puro cherubim,  
 E vir voluptuoso dar-te um beijo  
 Nos labios de carmim.

Quizera ser tambem meiguinha pomba  
 Com azas de marfim,  
 E vir ao lado teu pousar, sorrindo,  
 Levar-te ao céu sem fim.

Eu quizera ser tudo o que pudesse,  
 Ouvir de ti um — sim ; —  
 Mas sou pobre mortal ; por mais que chore,  
 Ninguém tem dô de mim.

M. S. A. BRANDÃO.

~~~~~

A' FRANCESCA.

Ai ! Francesca !... Morreo teu pobre amante,
 Que tão fiel te amava, e tão constante
 Em plena adoração !

Ah ! quão grande era o amor que te elle tinha !
 Oh ! bella, formosa Francesca minha,
 Flôr do meu coração !

Amou te muito ; mas fado cruel,
 Depois de ministrar-lhe amargo fel
 De horrida desventura,
 E de tê-lo em extremo mart'risado,
 Longe de ti, o tem precipitado
 Em fria sepultura !

Francesca bella, tu quanto has soffrido
 Por morrer-te o teu noivo tão querido !
 O teu Diniz amado !...

O teu noivo, que tanto te queria,
 E que, de amar-te, as juras te fazia,
 Já não vive, coitado !...

Oh ! soffreo muito e muito padeeço,
 Virgem querida ! por motivo teu !...
 Mas, bella, tu, tambem

Por elle grande amor, sempre mostraste ;
 O teu noivo, tu sempre o estimaste,
 Oh ! Francesca, meu bem !

Mas elle já morreo ; e então legou-me
 Sympathia e amizade, e mais deixou-me
 Tambem o teu amor.

Eis porque eu te adoro firmemente,
 Eis porque eu te quero ternamente,
 E te amo com ardor !

.....

Ama-me, que teu noivo amas, amando-me ;
E o teu amor, Franchessa, consagrando-me
Consagras a Diniz.

Oh ! que seja feliz Diniz segundo,
Já que o irmão, o primeiro, aqui no mundo,
Foi, coitado, infeliz !....

T.... do.... P.... 1861.

A. DELTA.

O PROSAISMO DA VIDA COMMERCIAL.

Bradão todos contra o prosaismo da vida commercial ! Gregos e Troianos são concordes nas sapecas que dão á pobre vida de negocio ; e no *louvavel* proposito de poupar a seus semelhantes, os transes porque se passa neste campo em que mais ou menos sempre se colhe, quando se semêa bem e bem se cuida da sementeira, tem dito da vida mercantil o que Mafoma não disse do toucinho. Alguem enxergará no empenho que mostram alguns dos que mais fallão sobre esta vida, muita magnanimidade e muito bons desejos de poupar á outros, os dissabores e durezas que se soffre nesta carreira ; outros porém, quiçá mais maliciosos, invertendo as *boas intenções* que animão, do que pintão as misérias da vida caixeiral, dirão que isso é dito com o unico fim de diminuir o numero dos pretendentes ao sacerdocio de Mercurio, diminuição que lhes facilitarã a posse tranquilla de pingues lugares.

Nós não partilhámos nenhuma dessas opiniões, porque ambas tem seus lados verdadeiros e seus lados falsos. Convimos que ao começar a vida commercial, como no começo de todas as vidas, o caminho seja escabroso e que cause seus amargores de boca, e mesmo muitos, porque custa, ás vezes, soffrer calado, as brutalidades de um patrão ou os caprichos de um companheiro mais velho. Mas, perguntamos nós, qual é a vida que não tem espinhos e que se não fação sentir logo ao encetar-a ? Apontar-me-hão talvez, a vida academica, a artistica etc. Responder-lhes-hemos, nem *nem tudo que luz é ouro*, como diz o dictado, e que se a vida artistica nos parece bella, essa belleza tem tambem seus prós e precalços ; que todas ellas ao encetar-se nos mostrão cobertas de difficuldades que é preciso vencer, e dissabores que é preciso soffrer e soffrer resignado. Se a maioria de nossos jovens compatriotas, prefere outra qualquer vida que não a do commercio, é em consequencia da prevenção que existe contra essa vida, como cheia de humilhações e de soffrimentos e inteiramente

ingloria. E' porque ella tem sido sempre descripta como uma vida embrutecedora e embrutecida ; capaz de roubar o talento a quem o tem e só e unicamente propria para os infelizes a quem Deus não concedeu, como aos outros, o *merito de inventar a polvora*. Eis o motivo desse horror que em geral encontramos em nossos condiscipulos e amigos dos bancos d'aula. Mas esse asco ha de cessar um dia e bem breve talvez, porque enfim, o que tem de mais difficil, de mais trabalhoso a vida do commercio do que outra qualquer ? Tem ella por ventura alguma cousa de degi'adante, que obrigue aos jovens brasileiros a fugir della como o diabo da Cruz ? Parece-me que não. Accusão-na de positiva e de prosaica, e onde, justo Deus, onde está a vida que não tenha o seu fundo de prosaico e positivo ? O poeta, que só vive nas nuvens, nas ethereas regiões, vê-se obrigado a vender seus cantos, o *livro de sua alma* para comprar o necessario sustento. O Doutor, vê-se obrigado pelo mesmo motivo, isto é, o de satisfazer as suas necessidades materiaes, isto é, positivas, a *trocar a sciencia* que adquirio pelo mais positivo dos equivalentes deste mundo : o dinheiro. E assim são todos os misteres da vida, com mais ou menos relações directas entre si. O commercio apezar de ser seu fim, obter dinheiro por meio de troca, faz justamente o mesmo que os outros ramos de vida fazem : onde pois está o positivismo, ou antes onde é que elle não está ? A maior e mais geral accusação que se faz ao commercio é a falta de instrucção da maioria de seus membros. Com effeito isso assim era, ha alguns annos passados ; hoje, porém esse estado de cousas tende a modificar-se e de uma maneira radical. Talvez dentro em bem pouco tempo tenhamos de ver, como nos mais paizes civilisados, o commercio occupando, entre nós o lugar eminente que lhe compete, como uma das grandes a'avanças do progresso social. Talvez tenhamos de ver sahir de seu seio, homens de verdadeira capacidade e de profundos conhecimentos que, tendo assento nos conselhos da corôa, nos guiem por caminhos seguros á verdadeira prosperidade.

Além do motivo que acima apresentamos, outro mais concorria para emla açar-lhe o desenvolvimento intellectual, e era a diversidade de elementos de que era composto então o commercio. Em geral, erão os patrões homens que, se bem que honradissimos e zelando a reputação em extremo, todavia erão factos da necessaria instrucção. Isso era um dos principaes estorvos ao progresso intellectual da classe caixeral. Hoje, porém, que a geração nova vai apparecendo, ella conhece que em todos os ramos da vida torna-se necessario o concurso da intelligencia, essa grande faculdade do espirito humano, e começão a dar-lhe o devido apreço. Em consequencia, disto que acabamos de expôr, o observador

mínucioso notará um movimento geral no sentido do progresso que de ha alguns annos a esta parte se tem manifestado no corpo do commercio. Esse movimento a que alludimos, movimento que tende a despertar-lo da especie de torpor moral em que por tanto tempo jazeo, é o annuncio do uma época nova para o commercio do Brasil, a qual, regenerando-o, fa-lo-ha occupar o lugar que lhe compete. As associações litterarias, instituidas em grande parte, se não no todo, pela corporação commercial, são já uma prova da verdade de nossa asserção, e os jornaes que vão apparecendo redigidos tambem por moços do commercio, contribuem tambem o seu tanto para a realisação da grande obra da regeneração do commercio, derramando gosto o pela litteratura, pelos trabalhos da intelligencia e pela classe caixeiral. Isso tudo prova que o commercio comprehendeu o valor da intelligencia em todos os casos da vida, realizando o que nós cissemos no primeiro numero desta folha: « que a intelligencia, tão bem como a terra, precisava cultivo. »

As tendencias de desenvolvimento intellectual manifestão-se todos os dias no seio do commercio, e algumas das tentativas litterarias que tem sido feitas, tem sido coroadas de feliz éxito; e se não nos tivéssemos proposto a não citar nomes, apresentariamos alguns membros do corpo caixeiral, cujas produções forão recebidas com louvor, se não com applauso. Apesar, porém, do nosso proposito, não nos podemos furtar ao desejo de consignar aqui o nome do nosso feliz e talentoso patricio Casimiro de Abreu. Todos lerão as suas mimosas *Primaveras*, as quaes além de seu valor real, tem para nos o inapreciavel merito de vir em apoio á nossas asserções.

E-tá pois provado que não é o positivismo só, o apanagio da vida commercial, pois que em todos o ha, e que não é elle o que tem tolhido o desenvolvimento intellectual de seus membros. Uma nova era surge; a nós, como membros do immenso corpo do commercio, cumpre-nos saudal-a, e o fazemos de todo o coração.

JAMI.

Rio de Janeiro, 13 de Abril de 1861.



UMA VICTIMA DO AMOR.

ORIGINAL BRASILEIRO.

(Continuado do n. 10.)

VII. (*)

Depois de muito cogitar, e ter evocado o exercito das musas em seu auxilio, Carlos conseguiu fazer uma poesia, tencionando enviá-la a Emilia por algum dos escravos da casa.

Dobrou-a pois, e pol-a n'um dos bolços do seu patetot. N'esse momento foi chamado para almoçar, e ainda d'essa vez não vio Emilia á mesa.

Depois do almoço recolheu-se a seu quarto, e passou o intersticio do almoço ao jantar escrevendo para sua familia, e seus amigos. Chamarão-n'o para jantar, e como no almoço, não se encontrou com Emilia.

Não podendo soffrer a impaciencia, perguntou por ella á D. Maria, que lhe respondeu como sempre, que se achava encommodada.

Acabarão pois de jantar e forão passear ao jardim Carlos, Julio e D. Maria.

— Vou dar-lhe uma noticia, Sra. D. Maria.

— E' boa ou má Sr. Carlos?

— A senhora a ajuizará.

— Vejamos ..

— Tenciono impreterivelmente retirar-me amanhã ás seis horas da manhã, porque já me acho restabelecido, e desejo não perder o anno, e tambem....

— Não consinto, Sr. Carlos, (atallhou D. Maria) na sua retirada, porque o senhor não está tão restabelecido como julga; e demais não desejo que senhor se retire antes do dia do casamento de Emilia que terá lugar sabbado. Nós estamos em teça feira, e não lhe causa transtorno ficar mais cinco dias.

— Pela primeira vez minha senhora, desobedeço-a. A minha resolução é inabalavel; amanhã ás seis horas da manhã bastante penalizado, terei de apartar-me desta casa. O que poderei fazer no caso que me consinta é vir assistir ao casamento da senhora sua filha.

— Não concordo, disse D. Maria rindo-se. Ou o senhor ha de esperar até sabbado, ou não ha de assistir ao casamento de Emilia.

— Terei esse desprazer então, porque tenciono retirar-me amanhã cedo.

(*) Como não tenha sido este romance dividido em capitulos, o resolve o autor, dividil-o agora por ser a isso obrigado; fica este scudo o ser

— Não seja tão cruel minha tia, disse Julio, o Sr. Carlos tem toda a razão em querer deixarnos; a senhora bem sabe que elle é estudante, e que não pôde faltar muitos dias á aula durante o anno, em risco de perdê-lo. Conceda-lhe pois a sua retirada, que estou bem certo que elle não nos esquecerá. Não é assim Sr. Carlos?

— Sem duvida alguma. Sempre que puder, cá virei aborrecel-os.

— Pois bem Sr. Carlos, vá; não quero que me tache de impertinente, mas não se esqueça que aqui encontrará sempre uma segunda mãe.

— Agradecido Sra. D. Maria, bem reconheço a grandeza de sua alma.

— Então, conto certo vel-o no numero dos convidados ao casamento de Emilia....

— Certamente, serei o primeiro ou o ultimo: mas em todo caso virei.

Quem pudesse perscrutar o coração de Carlos, veria que a sua sentença de morte acabava de ser lavrada.

Passarão o resto da tarde conversando em futilidades, até que a noite os surpreendeu ainda no jardim. Vamos para casa, meus amigos, disse D. Maria. Vou fazer com que Emilia deixe por esta noite o seu quarto, e venha passal-a connosco até as onze horas, pois quero que ella toque um pouco de piano para o senhor ouvir, Sr. Carlos.

— Com muito prazer minha senhora, se não causar isso encommodo á Sra. D. Emilia.

— O Sr. toca tambem, Sr. Carlos? perguntou D. Maria.

— Alguma cousa, quasi nada minha senhora.

— Que modestia! já sei que toca bem.

Entrarão pois na sala de visitas, aonde já encontrarão velas acesas.

— Antes de eu ir chamar Emilia, toque alguma cousa Sr. Carlos, para ver se assim mais depressa ella acudirá ao meu chamado.

— Se me permite, farei o que me pede.

— Então sente-se ao piano.

Carlos adiantou-se para o piano, abriu-o, e depois de alguns preludios, recitou a seguinte poesia, com a voz tremula, e a alma em angustias. A poesia era a que tinha feito para Emilia. Eil-a:

Mulher ou anjo, que meu peito fores
Que as fibras todas de minh'a'ma estalas;
Volve teus olhos para mim sorrindo,
Dize-me as dores que no peito calas.

Bem sei que um outro, mais feliz que o bardo,
Já no teu peito despontou o amor;
Mas esse outro que protesta amar-te
Como eu não ama, nem com mais ardor.

O meu é puro como é puro o rócio
Que as flores banha, no correr da noite;
Como os pipilos das plumosas aves
Saudando alegres o loução da noite.

Sou teu, é sina pertencerte oh! anjo,
Amar-te insano tẽ sumir na tumba;
Mesmo que queira me olvidar não posso
Dos mil encantos que teu ser destumbra.

Ou serás minha, ou então a morte
Virá bem cedo terminar meus dias;
E tu precisa, reclinada a fronte
Verás no esquite—o que nos olhos lias.

Cessou de recitar e recomeçava a preludiar, quando foi interrompido pela exclamação que fizeram D. Maria e Julio. Virou-se pois e olhou para onde olhavão, e pintar seria impossivel a emoção que sentio.

Emilia entrava na sala. Seus olhos langues, e suas faces pallidas e macilentas, bem denotavão seus soffrimentos moraes.

E assim era mais linda.

— Só o Sr. Carlos teria o poder de attrahir-te, disse D. Maria.

— Gosto muito das recitações.... minha mãe, respondeu Emilia depois de ter cumprimentado Carlos.

— Como te achas?

— Melhor minha mãe.

— Então has de tocar alguma cousa para o Sr. Carlos ouvir, s'im?

— Com muito prazer.

E Emilia dirigio-se ao piano, que Carlos deixara ao vel-a entrar na sala e nelle se encostara. Sem preludios, sem hesitação, como um juiz que lava uma sentença, como um algeoz que sentenciava, ella acompanhou ao piano a mesma modinha que pela amanhã acompanhara, da qual o leitor bem se deve lembrar. Apenas acabou de cantar levantou-se precipitadamente do piano e sahio da sala. D. Maria sorprendida pelo que Emilia acabava de fazer, seguiu-a immediatamente, deixando a sós na sala, Julio e Carlos, dos olhos do qual se desprendião duas lagrimas de dôr.

(Continúa.)



As reclamações devem ser dirigidas a esta typographia.

RIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & Comp.^ª, rua do Cano n. 165